

A SEMANA – 225

20 de setembro de 1896*

Toda esta semana foi feita pelo telégrafo. Sem essa invenção, que põe o nosso século tão longe daqueles em que as notícias tinham de correr os riscos¹ das tormentas e vir devagar como o tempo anda para os curiosos,² sem essa invenção esta semana viveria do que lhe desse a cidade. Certamente, uma boa cidade como a nossa não deixa os filhos sem pão; fato ou boato, eles teriam algo que debicar. Mas, enfim, o telégrafo incumbiu-se do banquete.

A maior das notícias para nós, a única nacional, não preciso dizer que é a morte de Carlos Gomes.³ O telégrafo no-la deu, tão pronto se fecharam os olhos do artista e deu mais a notícia do efeito produzido em todo aquele povo do Pará, desde o chefe do Estado até o mais singelo cidadão. A triste nova era esperada – e não sei se piedosamente desejada. Correu aos outros Estados, ao de S. Paulo, à velha cidade de Campinas. A terra de Carlos Gomes deseja possuir os restos queridos de seu filho, e os

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 264, p. 1, 20 set. 1896), SEMMA (p. 360-365) e SEM1953 (v. 3, p. 279-284). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ riscos] ricos – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

² Observe-se o emprego da palavra “curioso” com o sentido etimológico de “cuidadoso, diligente, que busca com cuidado, exatidão”. (SARAIVA, 2006, p. 327)

³ A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 261, p. 1, col. 4-5) publicou em 17 de setembro de 1896 a informação de que o maestro falecera em Belém do Pará no dia anterior, às 23 horas e 15 minutos. A notícia foi seguida de um breve texto com informações biobibliográficas do maestro, assinado por Lúcio de Mendonça. Lê-se no texto: “A morte de Carlos Gomes é motivo de tristeza para todo o Brasil. Ou porque se reconhecesse em algumas das melodias que criou, ou porque lhe fosse grato por ter ilustrado o nome brasileiro na Europa, o certo é que o nosso povo o queria e admirava. E estes sentimentos se observavam tanto no sul, onde nascera, como nos Estados do norte, desde a Bahia até ao Pará, aos quais mais intimamente se achou associada sua vida nestes últimos anos. Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas a 11 de junho de 1836. [...] Em 1859 foi para a Pauliceia, despertando por suas aptidões grande entusiasmo na mocidade do tempo. Data daquela época o Hino Acadêmico [da Faculdade de Direito de São Paulo]. Conselhos de amigos induziram-no a vir para esta capital matricular-se no Conservatório de Música. Cantatas que foram executadas, duas óperas, *Noite do castelo* e *Joana de Flandres*, pertencem a este período, em que se pretendia fundar uma ópera nacional. [...] Foi esta representação [a de *Joana de Flandres*] a 10 de novembro de 1863. Daí a um mês partia Carlos Gomes para a Europa, com um subsídio por quatro anos, concedido pelo governo, para continuar seus estudos e aperfeiçoar-se na arte. Fixou-se em Milão”.

pede; S. Paulo transmite o desejo ao Pará, que promete devolvê-los. Não atenteis somente para a linguagem dos dois Estados, um dos quais reconhece implicitamente ao outro o direito de guardar Carlos Gomes, pois que ele aí morreu, e o outro acha justo restituí-lo àquele onde ele viu a luz. Atentai, mais que tudo, para esse sentimento de unidade nacional, que a política pode alterar ou afrouxar, mas que a arte afirma e confirma, sem restrição de espécie alguma, sem desacordos, sem contrastes de opinião. A dor aqui é brasileira. Quando se fez a eleição do presidente da República, o Pará deu o voto a um filho seu,⁴ certo embora de que lhe não caberia o governo da União; divergiu de S. Paulo. A república da arte é anterior às nossas constituições e superior às nossas competências. O que o Pará fez pelo ilustre paulista mostra a todos nós que há um só paraense e um só paulista, que é este Brasil.

Agora que ele é morto, em plena glória, acode-me aquela noite da primeira representação da *Joana de Flandres*,⁵ e a ovação que lhe fizeram os rapazes do tempo, acompanhados de alguns homens maduros, certamente, mas os principais eram rapazes, que são sempre os clarins do entusiasmo. Ia à frente de todos Salvador de Mendonça, que era o profeta daquele caipira de gênio.⁶ Vínhamos da Ópera Nacional, uma instituição que durou pouco e foi muito criticada, mas que, se mereceu acaso o que se disse dela, tudo haverá resgatado por haver aberto as portas ao jovem maestro de Campinas.⁷ Tinha uma subvenção a Ópera Nacional; dava-nos partituras italianas e zarzuelas, vertidas em português, e compunha-se de senhoras que não duvidavam passar da sociedade ao palco, para auxiliar aquela obra. Cantava o fundador, D. José Amat, cantava o Ribas, cantavam outros. Nem foi só Carlos Gomes que ali ensaiou os primeiros voos; outros o fizeram também, ainda que só ele pôde dar o surto grande e arrojado...

Aí estou eu a repetir coisas que sabeis – uns por as haverdes lido, outros por vos lembrardes delas; mas é que há certas memórias que são como pedaços da gente, em

⁴ Na eleição presidencial de 1894, vencida por Prudente de Morais (1841-1902), o paraense Lauro Nina Sodré e Silva (1858-1944) foi candidato à presidência.

⁵ Esta representação ocorreu na noite de 10 de novembro de 1863 – ver nota 3. O libreto da ópera era de Salvador de Mendonça. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 261, p. 1, col. 4-5, 17 set. 1896)

⁶ Salvador de Mendonça, quando acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, estimulou Carlos Gomes a transferir-se para o Rio de Janeiro e dar continuidade à carreira de compositor. Ver, também, a esse respeito, “A Semana – 217” (26 jul. 1896), especialmente as notas 20 e 21, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁷ “Em 1857, criou-se a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (desaparecida pouco tempo depois), em que atuou o primeiro grande operista brasileiro, Carlos Gomes, além de outros nomes importantes para o gênero, como, por exemplo, Henrique Alves de Mesquita e Elias Álvares Lobo. Esta instituição, fundada por iniciativa de d. José Amat, que se encarregou da administração, e, com o apoio da corte imperial brasileira, tinha por objetivo estruturar uma ópera nacional no sentido estrito de oposição à ópera italiana, ainda que pela mera utilização do vernáculo em traduções de libretos originais em outras línguas. A Academia reunia nobres da sociedade carioca como membros do seu conselho diretor e artistas como Francisco Manuel da Silva, Joaquim Giannini, Manuel de Araújo Porto-Alegre, membros do conselho artístico, além de escritores como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Quintino Bocaiuva, Salvador de Mendonça e Machado de Assis, atuando como libretistas, tradutores ou adaptadores de libretos.” (*Machadiana Eletrônica*, v. 3, n. 6, p. 58, nota 11, jul.-dez. 2020; ver, também, BRANDÃO, 2012, p. 37-38)

que não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades. Aquela noite acabou por uma aurora, que foi dar em outro dia, claro como o da véspera, ou mais claro talvez; e porque esse dia se fechou em noite, novamente se abriu em madrugada e sol, tudo com uma uniformidade de pasmar. Afinal tudo passa, e só a terra é firme: é um velho estribilho do *Eclesiastes*,⁸ de que os rapazes mofam, com muita razão, pois ninguém é rapaz senão para ler e viver o *Cântico dos Cânticos*, em que tudo é eterno. Também nós ríamos muito dos que então recordavam o tempo em que foram cavalos da Candiani,⁹ e riam então dos que falavam de outras festas do tempo de Pedro I. É assim que se vão soldando os anéis de um século.

Ao contrário, a história parece querer dessoldar alguns dos seus anéis e deitá-los ao mar – ao mar Negro, se é certo o que nos anuncia o mesmo telégrafo, portador de boas e más novas. Não trato da deposição do sultão,¹⁰ conquanto o espetáculo deva ser interessante; eu, se dependesse de uma subscrição universal, daria o meu óbolo para vê-lo realizado com todas as cerimônias, tal qual o *Doente imaginário*.¹¹ A diferença entre a peça francesa e a peça turca é que o *homem doente*¹² parece doente de veras, – semilouco, dizem os telegramas.

As deposições da nossa terra não digo que sejam chochas, mas são lúgubres de simplicidade. O teatro de Sergipe¹³ está agora alugado para esta espécie de mágicas; não há quinze dias deu espetáculo, e já anuncia (ao dizer do *Paiz*) nova representação. As mágicas desse teatro pequeno, mas elegante, compõem-se em geral de duas partes – uma que é propriamente a deposição, outra que é a reposição. Poucos personagens: o deposto,

⁸ Eclesiastes 1,4: “Uma geração passa, e outra geração lhe sucede: mas a terra permanece sempre firme.” (BÍBLIA, 1866, p. 660)

⁹ Era costume de jovens diletantes assumir o lugar dos cavalos e puxar os carros de cantoras líricas depois dos espetáculos, levando-as às suas casas. Segundo Magalhães Júnior (2008, v. 1, p. 73-87), seria “excesso de credulidade admitir, como alguns biógrafos – de Lúcia Miguel Pereira a Jean-Michel Massa, de Elói Pontes a Luís Viana Filho – que ele [Machado de Assis] tinha sido ‘um dos cavalos’ da cantora lírica italiana Augusta Candiani (1820-1890). Esses biógrafos cometeram o equívoco de tomar ao pé da letra uma crônica escrita na *Ilustração Brasileira*, a 15 de julho de 1877, sob o pseudônimo de Manassés. Nessas crônicas, com o intuito de despistar os leitores e de tornar mais difícil a identificação de tal pseudônimo, Machado se fazia bem mais velho do que era. [...] E, não raro, dizia ter testemunhado acontecimentos que só conhecia de tradição oral ou escrita. / Naquela crônica, Manassés, entidade fictícia – e não o próprio Machado de Assis – cita como um dos fatos dignos de interesse na quinzena anterior ‘a ressurreição da Candiani’, que voltava à cena após longa ausência. E prosseguia: ‘A Candiani não é conhecida da geração presente. Mas os velhos, como eu, ainda se lembram do que ela fez, porque eu fui (*me, me adsum*), eu fui um dos cavalos temporários do carro da *prima donna*, nas noites da bela *Norma*.’”

¹⁰ Telegrama de 13 de setembro de 1896, enviado de Viena, e publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 258, p. 1, col. 1, 14 set. 1896), diz: “Os jornais ingleses insistem na ideia da deposição do sultão Abdul Hamid como meio único de melhorar a situação da Turquia e resolver a questão do Oriente.”

¹¹ “O doente imaginário” (*Le malade imaginaire*), obra de Molière (Jean-Baptiste Poquelin, 1622-1673).

¹² Sobre a expressão “homem doente”, ver nota 3 em “A Semana – 235”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

¹³ O cronista mencionou tensões políticas, envolvendo a deposição de um governador, em Sergipe, na crônica anterior a esta – 13 set. 1896. Para mais informações sobre o “teatro político” de Sergipe, ver: *O Paiz* (ano XII, n. 4356, p. 1, col. 3, 5 set. 1896; n. 4357, p. 1, col. 2-3, 6 set. 1896; n. 4358, p. 2, col. 2, 7 set. 1896).

o substituto, coros de amigos. Ao fundo, a cidade em festas. Este ceticismo de Aracaju, rasgando as luvas com aplausos a ambos os tenores¹⁴ não revela da parte daquela capital a firmeza necessária de opinião. Tudo, porém, acharia compensação na majestade do espetáculo; infelizmente este é pobre e simples:¹⁵ meia dúzia de homens saem de uma porta, entram por outra, e está acabado. É uma empresa de poucos meios.

Que abismo entre Aracaju e Istambul! Que diferença entre as duas portas sergipenses e a Sublime Porta!¹⁶ Lá são as potências que depõem, presididas pelo pontífice do islamismo,¹⁷ tudo abençoado por Alá e por Maomé, que é o profeta de Alá. Nas ruas sangue, muito sangue derramado, sangue de ódio e de fanatismo. Ouvem-se rugidos da ilha de Creta e da Macedônia.¹⁸ Na plateia o mundo inteiro. Mas o principal não é isso. O principal espetáculo, o espetáculo único é o desmembramento da Turquia, também noticiado pelo telégrafo.¹⁹ Esse é que, se se fizer, dará a este século um ocase muito parecido com a aurora. Os alfaiates levarão muito tempo a medir e cortar a bela fazenda turca para compor o terno que a civilização ocidental tem de vestir: e, porque as medidas políticas diferem das comuns, vê-los-emos talvez brigar por dois centímetros. As tesouras brandidas; e, primeiro que se acomodem, haverá muito olho furado. O desfecho é previsto; alguém ficará com pano de menos, mas a Turquia estará acabada, e a história terá dessoldado alguns elos que já andavam frouxos, se é que isto não é continuar a mesma cadeia.

Pode suceder que nada haja, assim como não voará o castelo de Balmoral,²⁰ com a rainha Vitória e o czar Nicolau dentro.²¹ Esta outra comunicação telegráfica desde logo

¹⁴ tenores] tenores, – em SEM1953.

¹⁵ simples:] simples; – em SEM1953.

¹⁶ “Sublime Porta” era a expressão usada para referência ao governo turco, por causa da porta monumental do palácio em que funcionavam os órgãos administrativos. Ver ilustração ao final desta crônica.

¹⁷ Na Turquia, o “pobre homem” tinha por oposição as grandes potências mundiais e o chefe do Islã, o papa turco. (Ver *O Paiz*, ano XIII, n. 4417, p. 2, col. 5, 5 nov. 1896) O império Otomano encontrava-se em processo de desintegração; ver nota 18, adiante.

¹⁸ Em Creta, na época sob o domínio do império Otomano, ocorriam lutas pela independência. (Ver *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 255, p. 2, col. 5-6, 11 set. 1896) Na Macedônia ocorriam lutas entre as forças turcas e os insurretos, conforme se lê em telegrama enviado de Sofia, em 15 de setembro de 1896, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 260, p. 1, col. 1, 16 set. 1896). Em matéria da mesma *Gazeta* (ano XXII, n. 257, p. 2, col. 4), do dia 13 de setembro, lê-se: “Se o descontentamento tomasse mais vastas proporções, conseguindo afrouxar ainda mais os laços da disciplina no exército, nem todos os esforços das potências seriam capazes de sustentar a existência da Turquia, e assegurar a integridade do seu território.”

¹⁹ *O Paiz* (ano XII, n. 4166, p. 2, col. 2-3), já em 28 de fevereiro de 1896, informava: “a Inglaterra deseja o desmembramento da Turquia para se apoderar do Egito”.

²⁰ Balmoral,] Balmorel, – em GN.

²¹ Telegrama enviado de Londres, em 14 de setembro de 1896, e publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 260, p. 1, col. 1, 16 set. 1896), diz: o “atentado que se premeditava contra a vida do czar Nicolau, continuou a ser o objeto de todas as conversas da população londrina [...]. Os dinamitistas haviam estabelecido o seu quartel-general em Antuérpia, onde eram realizadas compras de grande cópia de produtos para fabricar bombas explosivas e toda espécie de engenhos de destruição. [Os terroristas] foram presos no momento em que iam pôr em execução o seu plano. [...] Bell [um dos terroristas] devia começar os seus atentados na Escócia, onde, como se sabe, o czar é esperado no fim deste mês para visitar a rainha Vitória em Balmoral.”

me pareceu fantástica; cheira a imaginação de *reporter*²² ou de chancelaria. Nem é crível que tal tragédia se represente às barbas da sombra de Shakespeare, sem que este seja consultado quando menos para lhe pôr a poesia que os relatórios policiais não têm.

Enfim, melhor que atentados, deposições e desmembramentos, é a notícia que nos trouxe o telégrafo, ainda o telégrafo²³ sempre o telégrafo. Porfirio Díaz²⁴ abriu o congresso mexicano,²⁵ apresentando-lhe a mensagem em que anuncia a redução dos impostos. Estas duas palavras raramente andam juntas; saudemos tão doce consórcio. Só um amor verdadeiro as poderia unir. Que tenham muitos filhos é o meu mais ardente desejo.

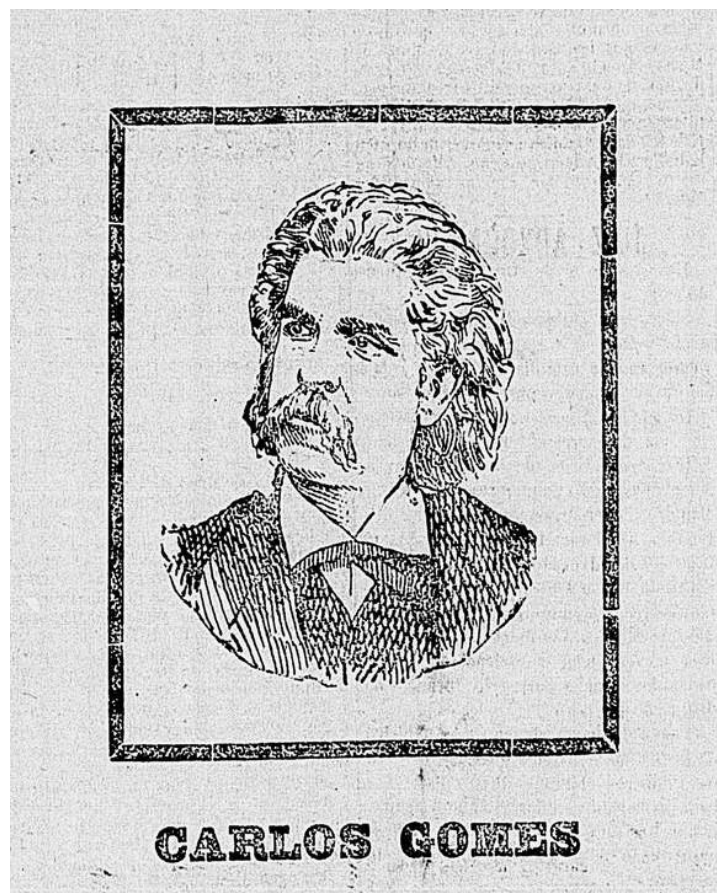


²² *reporter*] repórter – em SEM1953.

²³ telégrafo] telégrafo, – em SEMMA e em SEM1953. A vírgula é correta e boa gramaticalmente; entretanto, as duas expressões unidas (sem vírgula) ganham em força expressiva.

²⁴ Porfirio Díaz] Porfirio Dias – em GN e em SEMMA; Porfírio Díaz – em SEM1953.

²⁵ Telegrama enviado do México em 17 de setembro de 1896, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 262, p. 1, col. 1) no dia 18, diz: “Abriu-se com toda a solenidade o congresso mexicano. / A mensagem do presidente da República, general Porfirio Díaz, aos representantes da nação assinala o melhoramento sensível da situação financeira do país, que permite a redução dos impostos, e anuncia que se acha realizada a conversão da dívida interna. / Causou muito boa impressão a mensagem presidencial.”



FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 261, p. 1, 17 set. 1896.



Sublime Porta

FONTE: Wikimedia Commons. <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bab-i_Ali.jpg>

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 264, p. 1, 20 set. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14943>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A + B*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 3, n. 6, jul.-dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/983/764>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA Sagrada. O Velho e o Novo Testamento traduzidos em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012.

Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/%20musica/article/view/22543/13404>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4v.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.